



**A INVENÇÃO DE MOREL E NA COLÔNIA PENAL: O
INALCANÇÁVEL IDEAL HUMANO, UM ESTUDO COMPARADO
ENTRE ADOLFO BIOY CASARES E FRANZ KAFKA**

**THE INVENTION OF MOREL AND IN THE PENAL
COLONY: THE UNREACHABLE HUMAN IDEAL, A
COMPARATIVE STUDY BETWEEN ADOLFO BIOY CASARES
AND FRANZ KAFKA**

Renata Silva Faria¹

Temos a arte para não morrer da verdade.
(FRIEDRICH NIETZSCHE)

Recebimento do texto: 20/02/2016

Data de aceite: 15/03/2016

RESUMO: A presente pesquisa tem como objetivo fazer um estudo comparado entre o romance *A invenção de Morel* (1940) de Adolfo Bioy Casares e a novela *Na colônia penal* (1914) de Franz Kafka. Para realizarmos tal comparação, escolhemos alguns pontos de semelhanças e diferenças entre os dois textos. Iniciamos com uma contextualização de cada autor e texto literário, lembrando que estes dois escritores consagraram-se literariamente no século XX. Em sequência pontuaremos questões sobre o narrador e a forma como cada narrativa foi construída e como foco principal, abordaremos a representação da máquina em ambos os textos, a fim de percebermos como cada autor expressa o anseio humano em buscar a materialização de um ideal e através disto propõe uma diferente percepção da realidade.

PALAVRAS-CHAVE: *Adolfo Bioy Casares; Franz Kafka; ideal humano.*

ABSTRACT: This research aims to make a comparative study between the novel *The Invention of Morel* (1940) of Adolfo Bioy Casares and the soap opera *In the Penal Colony* (1914) by Franz Kafka. To accomplish this comparison, we chose some points of similarities and differences between the two texts. We start with a contextualization of each author and literary texts, noting that these two writers consecrated themselves literarily in the twentieth century. Sequentially we point issues as the narrator and how each narrative was built, and the main focus will discuss the representation of the machine in both texts in order to realize how each author expresses the human desire to seek the realization of an ideal, through we propose a different perception of reality.

KEYWORDS: *Adolfo Bioy Casares; Franz Kafka; human ideal.*

¹Renata Silva Faria (renata.silvafaria@gmail.com) mestranda da Pós-Graduação em Estudos Literários (PPGEL) da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, campus universitário de Tangará da Serra - MT e bolsista da CAPES. Artigo escrito para a disciplina “Tópicos de Literatura Comparada” ministrada pelo Prof. Dr. Aguinaldo Rodrigues da Silva. O presente trabalho foi realizado sob orientação do Prof. Dr. Helvivo Moraes.





O presente artigo tem como objetivo fazer um estudo comparado entre a obra *A invenção de Morel* de Adolfo Bioy Casares e a novela *Na colônia penal* de Franz Kafka. Para tanto, abordaremos comparativamente algumas relações entre estes dois textos literários. Acreditamos que para elaborarmos uma interpretação coerente, precisamos abordar alguns pontos importantes e assim construirmos uma visão geral desta comparação. Primeiramente, contextualizaremos cada autor e seus respectivos textos literários. Por conseguinte, discutiremos sobre o narrador e como cada narrativa foi construída; a principal relação que estabelecemos consiste na representação da máquina e o modo utilizado por ambos os autores para refletir sobre a realidade.

Logo, consideramos ser importante fazermos uma contextualização de cada autor selecionado e de sua representação para a literatura de seu tempo. Ressaltamos que ambos consagraram-se literariamente no século XX, embora cada um em contextos e condições diferentes. De um lado temos o autor argentino Adolfo Bioy Casares, autor de muitas obras, entre elas destacam-se *A invenção de Morel* (1940), *Plano de fuga* (1945), *O sonho dos heróis* (1954) e *Diário da guerra do porco* (1969). Sua carreira literária está ligada diretamente ao seu renomado amigo Jorge Luis Borges, o qual incentivou Casares a ser escritor. Segundo Carlos Dámaso Martínez, apesar de ter uma relação literária notável com Borges, Casares foi um autor que lançou mão de novas estratégias narrativas que introduziram o fantástico e o policial na literatura argentina em seu tempo. Casares buscou a eficácia na forma de narrar a partir da criação de um novo horizonte de expectativas, exigindo do leitor uma leitura diferente, que fugia ao convencional estabelecido naquele momento. Para isso, utilizou as possibilidades da literatura fantástica e uniu elementos policiais, no sentido





de criar um mistério a ser desvendado no decorrer da história. Na obra de Casares, especificamente em *A invenção de Morel*, o fantástico, enquanto modo de narrar, faz com que o leitor fique incomodado, e juntamente com o narrador, questione a natureza dos acontecimentos descritos na narrativa.

Neste momento, portanto, faremos um breve resumo deste texto literário. O romance *A invenção de Morel* foi escrito em 1940 pelo argentino Adolfo Bioy Casares. Esta é considerada a obra-prima do autor. De maneira geral, o enredo é narrado por um fugitivo da justiça que decide esconder-se em uma ilha no arquipélago Ellice, oceano Pacífico, mas segundo boatos a ilha é foco de uma moléstia misteriosa que mata todos os que nela tentam ficar. Segundo um vendedor italiano, há muitos anos, um grupo de amigos construiu nesta ilha um museu, uma capela e uma piscina, mas tudo estava abandonado. Para não ser encontrado, o fugitivo decide refugiar-se lá, depois de alguns dias, começa a observar acontecimentos estranhos, várias pessoas circulando livremente, dançando, conversando, tomando banho de piscina e vivendo tranquilamente. Receando ser capturado, o fugitivo mantém-se escondido em pântanos. Durante suas observações secretas apaixona-se por uma bela mulher que contempla todos os dias o pôr-do-sol. Depois de algum tempo, descobre que a mulher chama-se Faustine e o homem que frequentemente vem encontrá-la é Morel. Movido pela paixão e pelo medo de perdê-la o fugitivo declara-se várias vezes, mas é tudo em vão, pois ela ignora-o totalmente.

Além das atitudes inesperadas de Faustine, o perseguido começa a observar outras coisas muito estranhas no comportamento dos veranistas e adentra o museu em sigilo. De surpresa algumas pessoas deparam-se com ele, mas não o veem. Estes misteriosos episódios continuam atormentando o intruso até que um dia ele assiste uma reunião dirigida por Morel, o qual





revela sua invenção a todos seus amigos presentes na ilha. Em seu discurso, Morel anuncia que inventou uma máquina capaz de captar não só a imagem, como também todos os sentidos (visão, tato, paladar, olfato e audição) de quem é exposto a ela. Com isso, o fugitivo descobre que tudo o que passou dias observando eram projeções imagéticas dos dias que aqueles amigos viveram reunidos. Eram meras imagens repetidas de um paraíso que Morel criou para si. Logo, a moléstia na verdade era a consequência da exposição à radiação da máquina, ou seja, a morte.

Após descobrir que sua amada era apenas uma imagem, o fugitivo passa dias tentando descobrir como a máquina funcionava, e quando finalmente consegue manipulá-la, grava seu próprio disco, no qual projeta-se para viver eternamente ao lado de Faustine. Neste momento, resta-lhe apenas um desejo:

Ao homem que, baseando-se neste informe, inventar uma máquina capaz de reunir as presenças desagregadas, farei uma súplica. Procure-nos, a Faustine e a mim, faça-me entrar no céu da consciência de Faustine. Será um ato piedoso (CASARES, 2014, p.85).

Por outro lado, temos o conhecido Franz Kafka. A singularidade deste autor tcheco está sintetizada no termo *kafkiano*, que expressa a complexa e intensa construção de suas narrativas. Ambiguidade, paradoxo e obscuridade são três elementos que estão presentes na sua escrita. Não é segredo que Kafka influenciou-se pela escrita de alguns autores, o principal foi Flaubert, o qual é considerado pela crítica o autor que alcançou o ápice do realismo. Por sua literatura impactante, Kafka é visto como um autor a frente de seu tempo. Através do choque que o leitor sente ao ler seus contos e romances, chegando até a impressão de tratarem-se de acontecimentos absurdos, é possível, a partir de uma leitura crítica, compreender a





percepção que Kafka tinha sobre a sociedade em que vivia. “Com certeza era por isso que Kafka dizia ser necessário escrever na obscuridade, como se fosse num túnel: “minhas histórias são uma espécie de fechar os olhos”, diz ele” (CARONE, 2013, p.62). E é através dessa obscuridade que percebemos que o “absurdo” descrito por Kafka funciona como o desmascaramento da realidade, assim, esse “fechar os olhos” seria uma maneira de poder enxergar o que acontece em seu contexto social.

A novela *Na colônia penal* (escrita em 1914) foi um dos poucos títulos publicados antes da morte de Franz Kafka em 1924. A narrativa descreve a visita de um explorador a uma colônia, guiada por um oficial que orgulhosamente apresenta o brutal sistema de execução penal da ilha. Movido pelo ideal de “justiça” criado pelo antigo comandante (o qual já morreu), o oficial defende insistentemente que a máquina de execução é uma invenção honrosa e digna de respeito. Durante a narrativa, o oficial explica como funciona o aparelho para em seguida executar um soldado que desacatou seu superior. O oficial esclarece que o aparelho é composto por três partes (o condenado observa a explicação, mas não compreende, pois fala outra língua): a primeira é o leito, parte inferior na qual o condenado é posto de bruços, completamente nu, em seguida é amarrado pelas mãos, pés e pescoço e para abafar seus gritos, é colocada uma pequena mordança de feltro na boca. A segunda parte chama-se desenhador, parte superior na qual é inserido o desenho que revela a razão pela qual houve condenação, ou seja, sua sentença, lembrando que todos os que já foram condenados não sabiam por qual motivo foram executados e não tiveram oportunidade de defesa. Para registrar a sentença, existe a terceira parte da máquina: o rastelo, o qual corresponde à forma humana, tendo partes destinadas para o torso, pernas e cabeça. Assim, quando a máquina é ligada, o leito começa a





vibrar em movimentos programados e o rastelo desce sobre o corpo do condenado e “[...] posiciona-se de modo a tocar o corpo apenas de leve com as pontas; quando o ajuste se completa, este cabo de aço retesa-se e fica rígido como uma barra. Então começa o processo” (KAFKA, 2013, p.90). A partir deste momento, as agulhas do rastelo começam a perfurar a pele do condenado, registrando a sentença correspondente ao desenho colocado no desenhador pelo oficial. A sangrenta execução dura doze horas, segundo o oficial a partir da segunda hora o condenado não tem mais forças para gritar e ao completar seis horas é possível ver a redenção no seu rosto e assim, ao final da sentença o mesmo é jogado e enterrado num buraco próximo a máquina.

Depois de descrever o processo, o oficial ordena ao soldado que está auxiliando-o na execução, para que ajude-o a colocar o condenado na máquina. Antes de ligar a máquina, o oficial pede ao explorador que defenda essa forma de execução perante as demais autoridades da colônia penal e para o novo comandante, que não partilha desta prática. Mas o explorador recusa tal acordo com o oficial, o qual manda retirar o condenado da máquina e ele mesmo se executa colocando no desenhador a frase “Sê justo!”, mas devido as más condições de funcionamento, ao ligá-lo, o aparelho começa a desintegrar-se até sua completa destruição. Quando a máquina enfim desliga, o explorador pede ajuda ao soldado e ao condenado para enterrar o oficial, o qual

Tinha o mesmo aspecto do que em vida; não se via nenhum sinal da redenção prometida; o que todos haviam encontrado na máquina o oficial não encontrou; [...] o olhar era tranquilo e convicto, a ponta do longo agulhão de aço varava o cérebro (KAFKA, 2013, p.122).





Caminhando para o final da narrativa, o explorador acompanhado do soldado e do condenado, vai até a casa de chá, na qual o velho comandante foi enterrado, e no seu túmulo está escrita uma profecia de que em alguns anos o comandante ressurgirá e conduzirá novamente seus seguidores para reconquistar a colônia penal. E assim, o explorador deixa a ilha num pequeno barco e não permite que o soldado e o condenado fujam com ele.

Agora que contextualizamos os autores e os textos literários, começaremos nosso estudo analisando o narrador e o modo como cada narrativa foi construída. Embora o narrador d'*A invenção de Morel* esteja em primeira pessoa e *Na colônia penal* a novela seja narrada em terceira pessoa, ambos apresentam uma semelhança: o narrador não é onisciente. Desta maneira, o leitor não consegue ter uma visão completa das narrativas, pois ambas estão submetidas aos pontos de vista de determinados personagens. No caso do romance de Casares, o narrador é um fugitivo, o qual chega à ilha e depara-se com as projeções imagéticas em funcionamento. Os acontecimentos tornam-se um mistério a ser desvendado tanto pelo narrador quanto pelo leitor. E é um mistério perturbador, ao ponto de fazer com que o narrador questione sua própria lucidez, tanto que há um momento em que o fugitivo lembra que esteve pensando na natureza dos “intrusos” e na relação que mantinha com eles. Para isso elabora cinco hipóteses, entre elas: que tinha pegado a famosa peste; que o ar pervertido dos baixios em que vivia escondido e uma deficiente alimentação o teriam deixado invisível e por isso os veranistas o ignoravam; que o grupo de amigos era formado por seres de outro planeta; além disso, tinha sonhado que estava num manicômio e havia enlouquecido e a quinta hipótese sugeria que os amigos eram mortos e ele também, porém em estágios diferentes da





“metamorfose”. E em meio a todos esses pensamentos, o narrador fugitivo afirma ao leitor que:

Lidar com essas ideias me enchia de uma consistente euforia. Acumulei provas que demonstravam minha relação com os intrusos como uma relação entre seres em diferentes planos. Nesta ilha poderia ter ocorrido uma catástrofe imperceptível para seus mortos (eu e os animais que a habitavam); depois teriam chegado os intrusos (CASARES, 2014, p.48).

Esta estratégia narrativa de Casares faz com que o leitor também sintase confuso e duvide do próprio narrador, uma vez que este é um fugitivo da polícia e não há garantia de que seus relatos sejam totalmente verídicos, além disso, estamos submetidos ao argumento de um personagem inteligente e perspicaz, já que esteve preso e conseguiu burlar a justiça com a sua fuga, ou seja, não se trata de um personagem ingênuo. Logo, esse ambiente duvidoso cria o suporte necessário para o mistério a ser desvendado. É importante ressaltarmos que a narrativa é construída a partir dos relatos do fugitivo, os quais são elaborados numa espécie de diário, no qual conta os fatos e experiências vividas na ilha e declara:

Sinto com desagrado que este papel se transforma em testamento. Se devo resignar-me a isso, tratarei de que minhas afirmações possam ser comprovadas, de modo que quem porventura me julgar suspeito de falsidade não possa pensar que minto ao dizer que fui condenado injustamente (CASARES, 2014, p.19)

Percebemos assim, que o suspeito passado deste narrador permite criar uma insegurança no leitor sobre a veracidade de seus argumentos ao mesmo tempo em que estabelece um vínculo, pois o leitor depende do narrador para descobrir a origem dos fatos estranhos que ocorrem na ilha.

Enquanto isso, *Na colônia penal* o narrador está em terceira pessoa e não tem conhecimento do passado deste lugar e dos personagens, apenas





narra o que acontece no presente momento, impedindo possíveis esclarecimentos ao leitor. A sensação que temos é de que o narrador arrasta o leitor a uma cena que já iniciou e o que nos resta é tentar compreender o enredo deste momento em diante. Imediatamente, se estabelece um desconforto no leitor, o qual não tem informação dos acontecimentos que antecederam esta ocasião. Aos poucos, o narrador, através das explicações do oficial, personagem responsável pela execução do condenado, abre um caminho para compreendermos a situação, mas sempre como meros observadores. A narrativa de Kafka imobiliza o leitor, os fatos estão postos e acontecem sem nenhuma possibilidade de interferência. A opacidade e o desenvolvimento da narrativa pressupõem um desfecho nada agradável, aliás, esta não é uma característica existente no texto kafkiano, não há outra maneira de lê-lo senão desconfortavelmente. E essa angústia por sermos simples observadores dos fatos é evidente no seguinte trecho:

O explorador, no entanto, estava muito irrequieto; a máquina sem dúvida acabaria em ruínas; [...] ele sentia-se responsável pelo oficial, uma vez que este não podia mais cuidar de si próprio. [...] O explorador quis interceder, se possível parar todo o processo, aquilo não era uma tortura, como o oficial pretendia, era um assassinato a sangue-frio. [...] O sangue escorria em centenas de filetes sem misturar-se com a água, pois também as cânulas d'água haviam falhado. E a seguir falhou ainda o fim, o corpo não se desprende das agulhas, ficou escorrendo sangue, porém suspenso acima do fosso, sem cair (KAFKA, 2013, pp. 120-121).

Kafka vai construindo no decorrer da narrativa essa aflição no leitor e podemos afirmar que o trecho acima citado é o ápice de nossa agonia nesta novela. Sentimo-nos como o explorador, querendo parar aquele massacre, porém somos incapacitados pelo processo de execução que está em colapso. O narrador nos força a assistir esta aterrorizante destruição do oficial sem poupar-nos os detalhes sangrentos. E apesar de criarmos repulsa pela cena,





estamos encurralados numa descrição assustadora. Segundo Modesto Carone, um dos principais tradutores de Kafka no Brasil, a linguagem das narrativas kafkianas só permite acessar o contexto parcialmente, revelando assim

[...] um universo fraturado e sem certezas, ou seja: a um mundo tornado opaco e impenetrável onde, por consequência, a manutenção de um narrador que soubesse de tudo soaria como uma falsificação dos seus próprios pressupostos (CARONE, 2009, p.17).

Deste modo, o impacto das tensas narrativas kafkianas e o estranhamento causado pela obra de Casares, representou a necessidade do século XX de criar um novo modo de narrar e ambos os autores fizeram isso de maneira única e por tal motivo tornaram-se literariamente diferenciados. Portanto, discutiremos agora a representatividade da máquina, tanto em Kafka quanto em Casares, ambas enquanto peças fundamentais nas duas narrativas. Escolhemos a representação da máquina como o principal ponto de comparação entre estes dois textos literários pelo fato de abordarem a realidade humana. No caso de Kafka, a realidade é lançada ao leitor através de um acontecimento absurdo e aterrorizante, já em Bioy Casares a máquina é o elemento enigmático a ser desvendado, produzindo uma nova percepção do que é ou não real. Nos dois casos a máquina é o instrumento que causa o efeito trágico e surreal na narrativa.

Para construirmos este ponto de comparação entre os textos, lembramos Carone, ao ressaltar que Kafka escreveu várias histórias a partir da interpretação literal de metáforas, como por exemplo, “sofrer na própria pele”, a qual foi o ponto de partida para elaborar a sangrenta máquina da colônia penal. “É um aparelho singular” (KAFKA, 2013, p.79), é o que afirma o oficial ao explorador já na primeira frase da novela. Assim, desde o





início o discurso do oficial busca a aprovação do visitante e é a partir de tais argumentos que vamos descobrindo como funciona este aparelho. A representatividade da máquina nesta narrativa está diretamente ligada ao oficial. A relação que este mantém com a máquina é de fato intensa, pois esta é a concretização de seu ideal de justiça, que foi pensado e criado pelo antigo comandante, o qual é citado com muito respeito e adoração pelo oficial, que acompanhou todos os passos da criação deste aparelho e no momento é a única pessoa da colônia que ainda luta por seu funcionamento. Em busca da revalorização da máquina na ilha, o oficial durante sua fala tenta envolver e manipular o explorador, insistindo na eficiência deste processo. Sua descrição explicita toda a admiração que sente por esta antiga criação. Mas o fato do explorador (que simboliza o outro, o que vem de fora) não dar a devida atenção para as explicações do oficial pressupõe uma mudança, uma vez que as grandiosas cerimônias de execução já não existem mais e toda a glória do passado existe apenas nas lembranças do oficial.

Ao contrário da narrativa kafkiana, a máquina n'*A invenção de Morel* não é apresentada desde o início do romance, sendo ela a chave para desvendar todos os estranhos fatos da ilha, uma vez que é a máquina criada por Morel que mantém o elemento fantástico da obra. Como já foi descrito anteriormente, só descobrimos a existência da máquina quando o fugitivo adentra o museu e assiste uma reunião na qual Morel revela sua invenção. Assim como a máquina da colônia penal, a criação de Morel produz um resultado trágico à medida que o homem, em sua busca pela eternidade, transforma-se em uma mera imagem. Logo, seja como ideal de justiça ou como ideal de felicidade plena, ambas as máquinas foram criadas pelo Homem para satisfazer seus diferentes anseios, porém o desejo humano torna-se inalcançável.





Desta maneira, podemos dizer que as máquinas são a reprodução de um universo humano em que as ausências são extremamente significativas, afinal de contas, o humano é um ser inacabado, incompleto. No caso de Kafka, citamos Santos ao afirmar que “[...] em se tratando desse escritor, a ausência muitas vezes é mais relevante do que o que se faz presente” (SANTOS, 2009, p.27). Começamos pela ausência do passado que tanto perturba o oficial, o esquecimento dos ideais do antigo comandante é a síntese de que o processo de execução da colônia está decadente e assim como a profecia no túmulo do comandante anterior, o oficial insiste em reestabelecer o prestígio da máquina.

Além disso, temos a ausência de peças para a manutenção do aparelho, detalhe enfatizado pelo oficial quando este reclama o descaso por parte do novo comandante. Como fica evidente na explicação do oficial, esta falta faz com que a máquina fique inoperante e impeça a realização de sua função. Este problema pode ser compreendido como um obstáculo a tal procedimento. Quanto a isto, citamos Carone quando este afirma que “Como em tantas peças da ficção kafkiana, os obstáculos impedem o protagonista de alcançar seu objetivo” (CARONE, 2009, p. 82). Ou seja, o personagem atém-se ao problema e não consegue visualizar outros caminhos, tanto que o oficial estabelece essa dependência com o atual líder. Outra ausência que se faz presente é o personagem do novo comandante, o qual representa a ascensão de uma diferente autoridade na colônia, que não compartilha desta forma de execução, porém não age em momento algum na narrativa e não temos conhecimento de quais são seus ideais, criando assim uma ambiguidade com relação aos objetivos desta nova liderança, característica esta que faz parte da escrita kafkiana, uma vez que nada é exato e acabado, podendo produzir diversos sentidos.





Neste jogo muito bem elaborado de ausências que fazem-se presentes podemos destacar a culpa. Todos os condenados são culpados por algo que não lhes é informado, ou seja, a condenação é o resultado de uma culpa absoluta, inquestionável. Assim, na presença incondicional da culpa faz-se ausente a defesa. Como já foi dito anteriormente, os executados não sabem qual foi o erro que cometeram e só descobrem quando lhes é brutalmente gravada a sentença em seus corpos. Em seu artigo *Na colônia penal: o sofrimento-espetáculo de Franz Kafka*, Ilma da Silva Rebello faz uma consideração interessante sobre a punição da máquina afirmando que

O suplício tinha a função de prolongar o sofrimento do condenado, pois a morte não era suficiente para que a punição fosse concretizada. Era necessário que o condenado sentisse na pele a culpa e que a sociedade percebesse a efetivação da justiça. Esta é, portanto, a perspectiva da punição na novela kafkiana. O corpo aparece como o instrumento utilizado para se fazer justiça. Nesse processo, o espetáculo cerimonial com a presença do povo é importante para ratificar o suplício das vítimas e o poder que pune. O executor não é apenas aquele que aplica a lei, mas que demonstra ter a força (REBELLO, S/D, pp.4-5).

Esta observação faz-nos compreender o incômodo do oficial pela execução não ter mais a imponência que tinha no passado, logo, isso resulta na perda da demonstração do poder da “justiça” da colônia penal. Esta ausência de público faz com que a execução não alcance o efeito de punição exigido por este processo. E esta perda de punição do condenado materializa-se no próprio oficial, o qual colocando no desenhador a sentença “Sê justo!” inicia a punição em si mesmo, porém, a redenção que segundo ele era visível após a sexta hora de execução não é vista pelo explorador no rosto do oficial já morto, assim sendo, seu ideal de justiça não foi alcançado e a culpa continua inquestionável, pois a máquina não forneceu a justiça idealizada pelo oficial, que tanto a venerava.





Enfim, entendemos que a máquina ao entrar em colapso e desintegrar-se sobre o corpo do oficial, representa o avanço da máquina sobre o Homem, o qual cria um aparelho para executar sua busca cega e incessante por um ideal, e institui um verdadeiro massacre para que o seu poder seja materializado pela execução desta culpa inquestionável que todos os homens carregam, justamente por serem humanos. Segundo Rebello, numa carta escrita no dia 11 de outubro de 1916 para Kurt Wolff, Franz Kafka relatou que

como esclarecimento desta última narrativa acrescento apenas que não só ela é penosa, mas, ao contrário, que o nosso tempo em geral e o meu em particular o foi e é, e o meu é até mesmo há mais tempo penoso que o de todos (REBELLO, S/D, p.6).

Estas diretas palavras nos permitem ressaltar que *Na colônia penal* foi escrita logo após o início da Primeira Guerra Mundial e Kafka, sendo um exímio observador da realidade, consegue refletir em seu texto literário o descontrolado processo de desumanização do humano. Assim, como ressalta Carone, é característico da literatura kafkiana fazer o leitor

[...] alienado de si mesmo e da realidade que o cerca, ficar mareado em terra firme, infligindo-lhe angústia e sofrimento, como um machado que golpeia sem parar o mar congelado que existe em cada um de nós (CARONE, 2009, p. 80).

Também percebemos ausências significativas n' *A invenção de Morel* uma vez que o “[...] tom trágico do final da narrativa de Bioy Casares dá-se justamente nesse caráter espectral da inferência do presente sobre o passado – o qual só alcança uma utopia imperfeita, artificial, irrealizável” (MARTINS, 2007, p. 127), pois, apesar do fugitivo conseguir gravar o seu disco e adentrar numa eterna projeção com Faustine, sua utopia continua inalcançável à proporção que o fugitivo viverá apenas uma simulação, pois





os momentos gravados nunca existiram, em outras palavras, foram vividos em planos temporais distintos. Portanto, é notável esta incompletude da natureza humana, por mais perto que esteja de seu ideal, haverá sempre um vazio presente. Isto remete-nos a ausência que pontuamos *Na colônia penal*. Na obra de Casares, a ausência subentende outra problemática, porque apesar de unir paralelamente o passado vivido por Faustine e o presente habitado pelo fugitivo, a máquina de Morel não tem a capacidade de dissolver as barreiras entre os diferentes estágios do tempo. Tal ponto gera outra reflexão, pois a vontade de tornar-se eterno faz com que o personagem tenha que abrir mão do futuro, já que sua eternidade limita-se a um incessante retorno ao passado, que já foi vivido e não mudará.

Assim sendo, consideramos que “*A invenção de Morel é impulsionada pela trágica fantasia humana de vencer a morte ou igualar-se na eternidade a Deus [...]*” (BORGES, 1940). Desejo este que sempre fez parte do homem. A imortalidade, sem dúvida, é a utopia de muitos e juntamente com o personagem fugitivo, o único caminho é abrir mão da realidade para incorporar-se ao meio das projeções. Fato este que

determina a crise do real na sociedade contemporânea ou pelo menos o que poderíamos conceber como um descarrilamento do real, na medida em que globalmente a realidade do homem-no-mundo e de suas relações com os outros homens é substituída de maneira mais intensa e nas formas mais variadas pelo simulacro operacional (MARTINS, 2007, p.119-120).

Compreendemos assim, que a busca pela felicidade eterna resulta apenas na ideia de felicidade, não nela em si. O homem interrompe sua realidade para tornar-se uma mera imagem, um *simulacro*. Para compreendermos este conceito, partimos da contextualização feita por Baldo, quando explica que o fato de a Literatura, através da ficção,





possibilitar ao homem experiências sobre o que não aconteceria no campo do real, fez com que realidades paralelas fossem criadas pela imaginação. Assim, a “[...] passagem a um espaço cuja curvatura já não é a do real, nem a da verdade, a era da simulação inicia-se, pois, com uma liquidação de todos os referenciais [...]” (BAUDRILLARD, 1991, p.09). Em sua obra *Simulacros e Simulação* (1991), Baudrillard afirma que simular é fingir ter o que não se tem, logo, põe em discussão o que é “verdadeiro” e o que é “falso”, o que é “real” e o que é “imaginário”. Percebemos, portanto, as projeções imagéticas produzidas pela máquina inventada por Morel como o simulacro tanto da realidade vivida por Morel e seus amigos quanto da realidade imaginariamente construída pelo fugitivo. Em outras palavras, Morel e o fugitivo integram-se às imagens para materializar algo que só é possível numa dimensão paralela. Os simulacros produzidos pela máquina são o resultado da ausência presente na natureza humana: a busca pela eternidade plena, que não efetiva-se por sermos originariamente incompletos.

Outro ponto que coincide com a novela de Kafka é a coisificação do Homem pela máquina. Nesta questão, mencionamos Martins (2007) quando argumenta sobre a coisificação da mulher, neste caso Faustine, a qual torna-se objeto de desejo a ser possuído. Primeiramente, Morel prende-a em sua invenção, posteriormente o fugitivo submete-a pela segunda vez a uma eterna projeção. Logo, não importa qual seria o desejo de Faustine, mas sim o que almeja Morel e o fugitivo. Porém, para realizar sua vontade, o personagem fugitivo também torna-se objeto do próprio desejo ao lançar mão da morte para viver no plano das imagens eternamente, ou melhor, até enquanto os aparelhos funcionarem.





Este fato nos possibilita outra percepção: a dependência estabelecida entre o Homem e a máquina. Interessante destacarmos que o personagem fugitivo compreendeu esta dependência ao afirmar que “Por ser uma projeção, nenhum poder é capaz de atravessá-la ou suprimi-la (enquanto os motores funcionarem)” (CASARES, 2014, p.74). Ou seja, a imortalidade humana é o resultado da manutenção de uma máquina. Logo, assim como o oficial foi sucumbido pela máquina que registrava a justiça no corpo dos condenados da colônia, o fugitivo também é aniquilado pela máquina inventada por Morel. Enfim, por terem sido criadas para efetivar os diferentes anseios do Homem, os personagens precisam submeter-se às máquinas para realizarem seus intentos, porém o que resta é a aniquilação do humano por meio dos efeitos de ambas as máquinas.

Contudo, considerando todas as relações de semelhanças e diferenças entre o romance de Adolfo Bioy Casares e a novela de Franz Kafka, podemos compreender que apesar de serem autores de contextos sociais diferentes, ambos refletem em suas literaturas discussões pertinentes sobre o humano e suas implicações. Kafka constrói sua narrativa a partir de uma abordagem da realidade que apresenta-se absurda e perturbadora ao leitor, explicitando de forma muito peculiar o homem na condição de objeto do meio social. A escrita kafkiana nos mostra o mundo do jeito que é, ressaltando sempre toda a negatividade que este possui. Já Casares não chega a causar o impacto aterrorizante do autor tcheco, mas, sem dúvidas, consegue com êxito provocar a reflexão e o questionamento esperado do leitor atento. A construção narrativa d’*A invenção de Morel* exemplifica perfeitamente a capacidade do autor argentino de prender o leitor na história e criar a vontade de desvendar o mistério presente no romance. Por fim, ressaltamos que ambos os escritores, cada um a seu modo, propõe um





pensamento crítico sobre a condição humana perante diferentes contextos. Em outras palavras, ler Casares e Kafka, assim como toda boa literatura, nos permite enxergar a realidade a que estamos submetidos com olhos sempre atentos e questionáveis, uma vez que este é um dos efeitos da literatura: nos libertar das imposições de nossa própria realidade.

Referências

- ANDERS, Günther. **Kafka: pró e contra – os autos do processo**. Tradução, posfácio e notas de Modesto Carone. Cosacnaify.
- BALDO, Milene. **Um robô simulacro: David**. In: Remate de Males. Campinas – SP, 2012.
- BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e simulação**. Tradução de Maria João da Costa Pereira. Relógio d'Água, 1991.
- CARONE, Modesto. **Lição de Kafka**. Companhia das Letras: São Paulo - SP, 2009.
- CASARES, Adolfo Bioy. *A invenção de Morel*, In: **Obras completas de Adolfo Bioy Casares: volume I**. Tradução de Sergio Molina. Globo: São Paulo - SP, 2014.
- KAFKA, Franz. Na colônia penal, In: **Um artista da fome seguido de Na colônia penal & outras histórias**. Tradução de Guilherme da Silva Braga. L&PM: Porto Alegre – RS, 2013.
- MARTÍNEZ, Carlos Dámaso. **Adolfo Bioy Casares: una poética de la invención**. s/d.
- MARTINS, Ana Claudia Aymoré. **Morus, Moreau, Morel: a ilha como espaço da utopia**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2007.





REBELLO, Ilma da Silva. **Na colônia penal: o sofrimento-espetáculo de Franz Kafka**. Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense. Niterói - RJ.

SANTOS, Patrícia da Silva. **(Im) possibilidades na literatura de Franz Kafka**. São Paulo – SP, 2009.

